

A Johnson & Johnson responde à audiência de 10 de dezembro de 2019 do subcomitê de Política Econômica e do Consumo, comitê de Supervisão e Reforma, Câmara dos Deputados dos EUA

Em 10 de dezembro de 2019, o subcomitê da Câmara dos Deputados de Política Econômica e do Consumo do comitê de Supervisão e Reforma realizou uma audiência intitulada “Examinando carcinogênicos no talco e melhores métodos para detecção de amianto”. Em vista das perguntas e declarações feitas na audiência, a Johnson & Johnson está fornecendo essas informações ao público.

Como a Johnson & Johnson testa seu talco cosmético para garantir que seja seguro?

A Johnson & Johnson usa um conjunto de métodos de teste líder do setor, incluindo o que a FDA recentemente chamou de “as técnicas mais sensíveis disponíveis”. A Johnson & Johnson é cuidadosa em todos os estágios do processo para garantir que o talco cosmético usado em seus produtos não esteja contaminado com amianto. No momento em que as alegações surgiram, foi solicitado que várias instituições, laboratórios e universidades independentes testassem seu talco. Essas instituições incluem a FDA dos EUA, Faculdade de Saúde Pública de Harvard, MIT, Hospital Mt. Sinai, McCrone Associates, Cardiff University, entre outros; esses testes confirmaram que os produtos de talco cosmético da Johnson & Johnson estavam livres de amianto.

O Dr. William Longo depôs na audiência. Quem é ele?

O Dr. Longo é uma testemunha de litígio paga pelos advogados dos requerentes. Seu laboratório já recebeu dezenas de milhões de dólares depondo para requerentes em litígios de amianto. Aproximadamente 95% do tempo que o Dr. Longo passa no tribunal é em nome dos requerentes. No entanto, nem todos os tribunais reagiram favoravelmente ao seu depoimento. Alguns tribunais disseram que os métodos do Dr. Longo são “ciência sem qualidade”, seus estudos são “no máximo pseudociência” e seu depoimento é “tendencioso, não confiável e não é apoiado por nenhuma comunidade respeitável de cientistas”.

Antes de começar a depor contra a Johnson & Johnson, o Dr. Longo disse sob juramento que estava "muito familiarizado" com o problema do amianto e que a presença de amianto em talco cosmético não passava de uma "lenda urbana". Em outras palavras: histórias que as pessoas contam que não são verdadeiras. Ele depôs repetidamente afirmando que não detectou nenhum amianto em talco cosmético. Em outro caso, ele depôs: “Procuramos. Não encontramos.” Recentemente, em 2010, o Dr. Longo depôs afirmando que o talco proveniente de outros lugares que não Nova York está “limpo”. A Johnson & Johnson nunca adquiriu seu talco cosmético de Nova York. Apenas quando foi pago para depor contra a Johnson & Johnson, o Dr. Longo disse que seu talco estava contaminado com amianto.

O Dr. Longo falou sobre o método de separação em meio denso para testar a presença de amianto. Essa é uma técnica nova?

Não. O foco do depoimento do Dr. Longo, o método de separação em meio denso, é uma distração. Esse método não é novo nem secreto. A técnica é conhecida na comunidade científica há décadas. Já na década de 1970, especialistas independentes entre si, incluindo cientistas da FDA, rejeitaram a técnica por sua não confiabilidade e incapacidade de detectar o tipo mais prevalente de amianto: o crisotil. *Na verdade, nenhuma agência regulatória em nenhum lugar do mundo adotou a técnica de separação em meio denso do Dr. Longo.*

O Dr. Longo disse que o teste sem o método de separação em meio denso não é sensível o suficiente para detectar sistematicamente o amianto no talco. Isso está correto?

Não, está errado. O especialista da Johnson & Johnson, Dr. Matthew Sanchez, é capaz de observar as mesmas coisas que o Dr. Longo. O Dr. Sanchez *também* encontrou partículas minerais de anfíbio nos *mesmos frascos* de talco para bebês da Johnson *sem usar* separação em meio denso. Embora tenham observado as mesmas coisas, o Dr. Sanchez demonstrou que essas partículas minerais não são amianto. São as variedades não asbestiformes muito mais comuns de alguns minerais. Sensibilidade **não** é o problema. O problema é caracterizar com precisão o que foi detectado.

O Dr. Longo afirmou na audiência que 65% dos frascos de talco cosmético da Johnson & Johnson que ele testou deram positivo para amianto. Ele caracterizou erroneamente as partículas minerais que encontrou. O Dr. Longo afirmou em seu depoimento que, se um de seus "analistas que estiver realizando o teste observar um fragmento de clivagem anfíbio não asbestiforme" de um determinado tamanho e forma (ou seja, não amianto), "o analista contará isso como uma estrutura de amianto" de qualquer forma.

A Dra. Jacqueline Moline depôs na audiência. Quem é ela?

A Dra. Moline é uma testemunha de litígio paga pelos advogados dos requerentes. Seu depoimento mudou desde que começou a depor contra a Johnson & Johnson. Antes de ela ser paga para depor contra a Johnson & Johnson, a Dra. Moline reconheceu que estudos com mineradores e moleiros de talco, que foram expostos a grandes quantidades do mineral, não encontraram maior risco de contrair doenças relacionadas ao amianto, incluindo mesotelioma, nesses trabalhadores. Esses estudos demonstraram que essas minas não continham amianto, incluindo as minas que forneceram à Johnson & Johnson o seu talco. Agora, ao depor contra a Johnson & Johnson, a Dra. Moline diz que esses estudos são inadequados.

A Dra. Moline disse que não há diferenças de saúde entre os minerais asbestiformes e os não asbestiformes. Isso está correto?

Não, está errado. Vários cientistas respeitados concluíram que quantidades vestigiais de minerais não asbestiformes não apresentam risco à saúde.

- A OSHA é uma agência governamental dos EUA que possui a responsabilidade de garantir segurança no trabalho. A agência anunciou em 1992 que anfíbólios não asbestiformes seriam excluídos de seus regulamentos sobre amianto porque “faltam evidências substanciais para concluir que... [eles] apresentam o mesmo tipo ou magnitude dos efeitos na saúde que o amianto.”
- A Pesquisa Geológica dos Estados Unidos (USGS, United States Geological Survey) declara que “quando se trata de risco à saúde”, “faz diferença se um anfíbólio é asbestiforme” e que “evidências disponíveis apoiam a conclusão de que a exposição a fragmentos de clivagem não asbestiformes é improvável de resultar em um risco significativo de desenvolver doenças relacionadas ao amianto”.
- O NIOSH, o grupo científico e de pesquisa da OSHA, declarou de maneira semelhante que “minerais não asbestiformes não são ‘amianto’ ou ‘minerais de amianto’” e que apenas “a exposição a fibras dos minerais de amianto” está ligada de forma confiável a efeitos adversos à saúde em estudos epidemiológicos.

O Dr. Rod Metcalf depôs na audiência. Quem é ele?

O Dr. Metcalf é uma testemunha de litígio paga pelos advogados dos requerentes. Ele tem conhecimento geral em geologia, mas seu depoimento não se relacionou especificamente ao talco da Johnson & Johnson.

O que o Dr. Metcalf disse sobre a possibilidade de o talco estar livre de amianto?

O Dr. Metcalf discordou da insinuação que “talco não pode ser confiavelmente livre de amianto”. Embora tendo reconhecido que depósitos de talco podem ser livres de amianto, ele não forneceu nenhuma informação específica para as minas que a Johnson & Johnson usou no passado ou que usa atualmente.

O que cientistas e organizações independentes entre si disseram sobre as minas que a J&J usou?

Vários cientistas e organizações independentes entre si concluíram que as minas que a Johnson & Johnson usou em Vermont e na Itália não contêm amianto. Por exemplo:

- A NIOSH e a Faculdade de Saúde Pública de Harvard avaliaram a mina de talco da Johnson & Johnson em Vermont e concluíram que “a análise feita pela NIOSH, que incluiu análise em microscópio petrográfico, microscopia eletrônica de transmissão e difração de raios X com varredura das etapas não revelou *nenhum amianto* nessas amostras.” Eles também reconheceram que “estudos que datam do início dos anos 1900 mostraram que os depósitos de talco de Vermont não contêm *amianto*.”
- A Conferência Americana dos Higienistas Industriais Governamentais (American Conference of Governmental Industrial Hygienists, ACGIH) declarou que não havia amianto nas minas de talco da Johnson & Johnson em Vermont e na Itália.
- A Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (International Agency for Research on Cancer, IARC) concluiu que “o tipo de talco usado atualmente para fins cosméticos nos EUA não contém níveis detectáveis de anfíbólios, incluindo amianto”.

Algumas testemunhas pareciam sugerir que documentos internos da Johnson & Johnson mostravam positivo para testes de amianto. A que eles estavam se referindo?

As testemunhas dos requerentes rotineiramente fazem uso indevido e desvirtuam o conteúdo dos documentos internos da Johnson & Johnson. Em alguns casos, são citados resultados de testes que encontraram minerais anfibólicos não asbestiformes, que não são amianto. Em alguns casos, são citados resultados de testes de fontes que nunca foram utilizadas para os produtos de talco cosmético da Johnson & Johnson. Em outros casos, os documentos citados envolvem amostras em que o amianto foi intencionalmente adicionado para avaliar procedimentos de teste. Em alguns casos, são citados documentos que alegavam ter encontrado amianto mas que, posteriormente, comprovou-se serem imprecisos.

Por que o CEO da Johnson & Johnson, Alex Gorsky, não depôs?

O Sr. Gorsky é o CEO da Johnson & Johnson e, nessa função, ele é responsável pela ampla supervisão das 264 unidades operacionais da empresa em 60 países. Como seria esperado na liderança de uma empresa multinacional, o Sr. Gorsky não está envolvido no processo diário de tomada de decisões sobre produtos de talco cosmético e depende de outros para mantê-lo informado, conforme necessário. Tratando-se de uma questão de tal especialidade e complexidade, sendo ela quais os melhores métodos para testar o talco, o Sr. Gorsky confia com frequência na experiência de cientistas e outros especialistas no assunto.

A audiência dizia respeito a questões altamente técnicas e científicas. Por exemplo, um geólogo depôs usando termos e conceitos altamente especializados, conhecidos por geólogos, incluindo a alteração hidrotérmica de protólitos, metosomatismo e protolitologias de carbonato.

Considerando o foco da audiência, a Johnson & Johnson se ofereceu para apresentar duas outras testemunhas mais adequadas: o Dr. Matthew Sanchez e a Sra. Kathleen Widmer. O Dr. Sanchez tem diploma de bacharelado em Ciências, mestrado em Ciências e Ph.D em Geologia. Ele é muito experiente em testar o talco para bebês da Johnson: sua empresa testa o talco da Johnson & Johnson há mais de uma década. Kathleen Widmer é uma executiva sênior diretamente responsável pelos produtos de consumo da América do Norte, incluindo o talco para bebês da Johnson. O subcomitê recusou ambas as testemunhas.

A Johnson & Johnson cooperou com o Congresso?

Sim. Por quase um ano, a Johnson & Johnson cooperou com o subcomitê a respeito da segurança dos cosméticos, o que incluiu fornecer briefings, envios escritos e documentos. No início deste ano, em resposta à solicitação do subcomitê de documentos e informações que dizia respeito a uma ampla variedade de tópicos, incluindo amianto, métodos de teste de amianto, resultados de testes, números de vendas, materiais de marketing entre outros, a Johnson & Johnson forneceu cerca de 10.000 páginas de material. A Johnson & Johnson também ofereceu mais de 300.000 páginas adicionais de material relacionado a testes de talco. A Johnson & Johnson está respondendo às solicitações adicionais do subcomitê após a audiência e produzirá documentos e materiais adicionais para o subcomitê. A Johnson & Johnson continua comprometida a trabalhar com todos os membros do Congresso para abordar esses problemas importantes e significativos de política pública.

A Johnson & Johnson cooperou com a FDA?

Sim. A Johnson & Johnson trabalhou de forma construtiva e cooperativa com a FDA e continuará a fazê-lo. Em 16 de outubro de 2019, a Johnson & Johnson foi avisada pela FDA que, pela primeira vez, foi detectado amianto em uma única garrafa de talco para bebês da Johnson. Este achado isolado ficou em forte contraste com os milhares de testes dos últimos 40 anos que confirmaram que o talco cosmético da Johnson & Johnson não contém amianto, que incluem os próprios achados da FDA ao longo do mesmo período, inclusive o mais recente de setembro de 2019. Entretanto, em uma profusão de cautela, a Johnson & Johnson voluntariamente recolheu o lote em questão.

Paralelamente, a Johnson & Johnson iniciou de imediato um exame rigoroso e minucioso do assunto. A Johnson & Johnson contratou dois laboratórios terceirizados para agilizar um grande número de testes do lote recolhido de talco para bebês da Johnson. No decorrer da investigação, um total de 155 testes foram conduzidos pelos dois laboratórios usando quatro métodos de teste diferentes, em amostras do mesmo frasco testado pela FDA, do lote recolhido de talco para bebês da Johnson, além de três lotes fabricados antes e três lotes fabricados após o lote recolhido. Todos os resultados confirmaram que não há amianto no talco da Johnson & Johnson.

A Johnson & Johnson compartilhou com a FDA sua investigação aprofundada de mais de 2.100 páginas que enumerava especificamente as possíveis causas internas e externas que teriam levado ao achado da FDA. Esses problemas incluíam, por exemplo, inconsistências cronológicas no relatório do laboratório contratado pela FDA, o que sugere que pode ter havido contaminação cruzada durante a preparação da amostra. A Johnson & Johnson espera trabalhar colaborativamente com a FDA para elucidar completamente essas discrepâncias.

[Para acessar os documentos de apoio, clique aqui.](#)